



Instalação profissional **ESPAÇOS | EDIFÍCIOS | EMPRESA**

€ 4,90
CONT.

N. 24 '09
Outubro



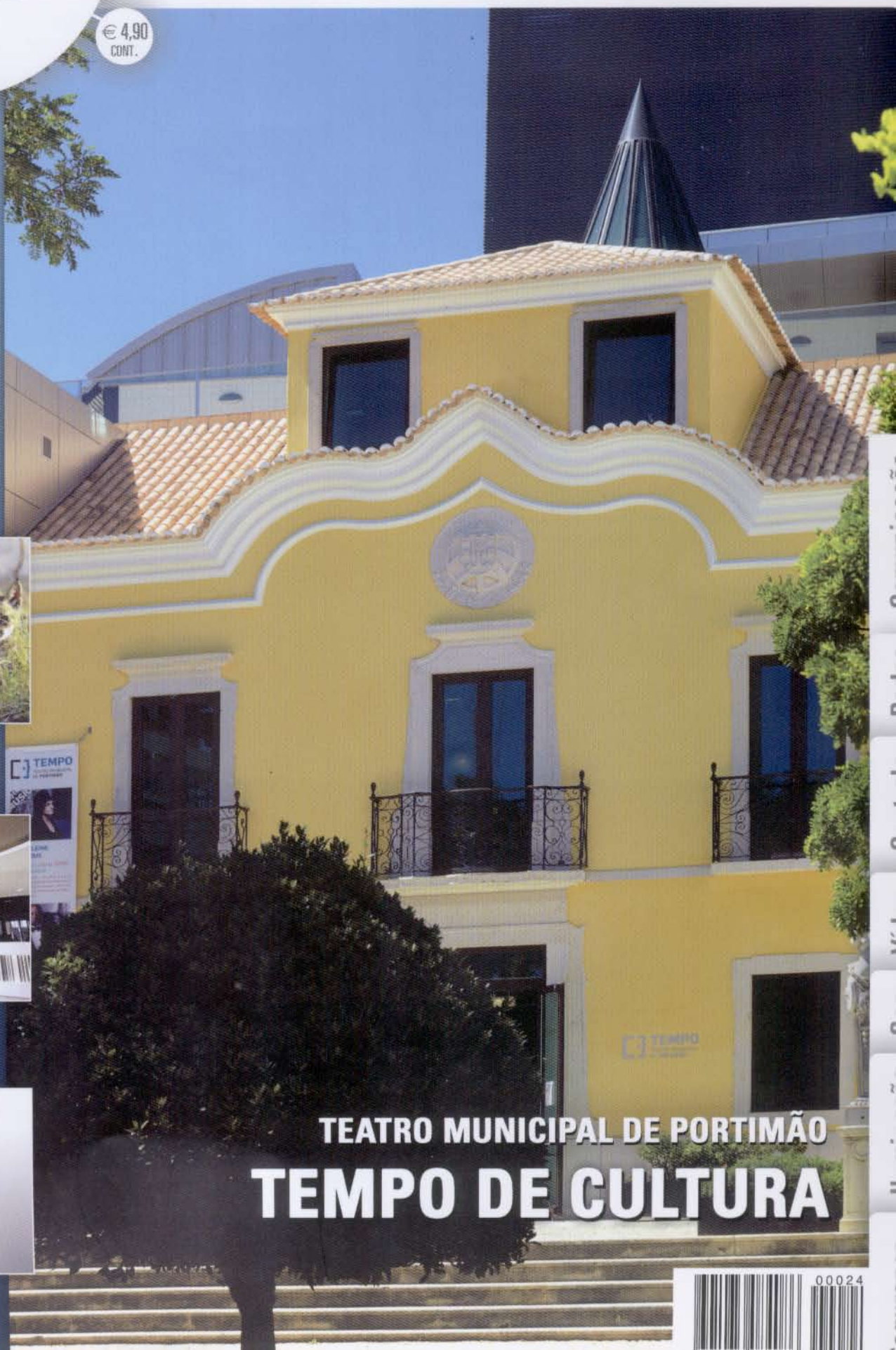
SOLUÇÕES IP ACUTRON



3G OFFICE - SEDE DO ACP



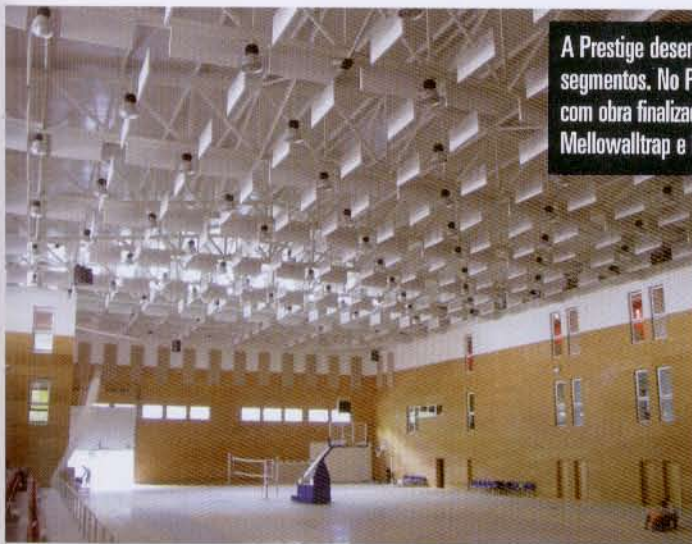
DOSSIER ACÚSTICA



TEATRO MUNICIPAL DE PORTIMÃO
TEMPO DE CULTURA



00024



A Prestige desenvolve projectos acústicos em vários segmentos. No Pavilhão do Marítimo na Madeira, aqui com obra finalizada, utilizaram-se os painéis acústicos Mellowalltrap e Mellowaffle da Jocavi

colegas que as fizeram e isso fez com que os arquitectos tenham mais cuidado”.

Partilhando esta opinião, Miguel Cunha Gomes, técnico comercial da Silanto, empresa que distribui materiais de construção (revestimentos, isolamentos, etc.) e presta serviços de transformação e de instalação de materiais, considera que, apesar da formação e legis-

lação terem aumentado, “ainda ocorrem muitas falhas ao nível das obras realizadas. Falhas essas, que resultam de diversos factores, tais como: não implantação das medidas prescritas ao nível de projecto; soluções projectadas menos correctas ou não projectadas de modo integrado; má instalação e aplicação dos materiais, entre outras”. Como exemplo negativo, o responsável refere “o caso frequente de um projecto onde se verifica a preocupação de tratamento das paredes, pisos, tectos e depois não se selecciona uma caixilharia, que preencha os vãos dos espaços com o índice de isolamento de nível semelhante ao adoptado nas paredes”.

O técnico refere ainda que na vertente do conforto acústico “a evolução é mais lenta” (face ao isolamento), porque a preocupação com esta matéria “ainda é apenas comum a alguns investidores, na sua maioria ligados às actividades audiovisuais, salas de espectáculo, anfiteatros, hotéis e pouco mais. Neste campo ainda há um espaço de crescimento muito amplo. Basta pensarmos nos milhares de espaços de restauração, cujo desconforto acústico é a nota dominante”.

Segundo Rui Ribeiro, gestor de projectos na dBLab, Laboratório de Acústica, Vibração e Ambiente (Grupo Aborsor), a questão da formação em acústica “pode ser considerado um problema à escala global (ex: ICA Madrid 2007 workshop ‘European Education in Noise Control Engineering’ ou Noise –Con Nevada 2007 ‘U.S. Education in Noise Control Engineering’) e há um sentimento claro que a procura de técnicos especializados é superior à oferta. Ao nível dos cursos de arquitectura e engenharia alguns apresentam nos seus currículos disciplinas ou módulos relacionados com a acústica que acima de tudo permitem uma consciência para o problema. Contudo, dada a complexidade dos edifícios, as necessidades de compatibilização, desafios à inovação e optimização da solução e crescente responsabilização a tendência será que o condicionamento acústico de espaços seja assumido por técnicos ou entidades especializadas”.

Para Marcelo Tavares outros factores condicionam ainda o sector, como “a ignorância e a falta de sensibilidade pelas questões acústicas”: “A acústica é uma ciência (e não só!) muito complexa que não pode ser simplificada e desvalorizada por pessoas que realmente não têm experiência, e o mínimo de conheci-



No portfolio da Audiodesigner, entre muitos projectos estão vários estúdios e bares. No bar, nas imagens, foi executado um tecto em gesso cartonado, perfurado em ângulos para não haver paralelismo com o pavimento. Também foram colocados painéis angulados em madeira (MDF pintado), à volta da sala para aumentar a absorção e a difusão acústica

a falta de espaço, questões de ordem financeira e técnica. A acústica em geral não pode ser ‘clean’ e os arquitectos gostariam. Usamos materiais muito porosos, irregulares e intrusivos esteticamente”.

DESAFIOS DE UM SOM PERFEITO

É por isso consensual entre projectistas e fornecedores/instaladores a necessidade de existir trabalho conjunto entre aqueles que desenvolvem a arquitectura de um determinado espaço e os responsáveis pelo projecto acústico. As dimensões e a geometria das salas/edifício (pé-direito, largura e comprimento) condicionam directa e permanentemente as condições acústicas do espaço, por exemplo, através dos reflexos, dos paralelismos e ângulos difíceis de corrigir, ou da proporcionalidade volumétrica.

“Quando os espaços não são pensados com os requisitos construtivos de raiz (no projecto), torna-se e às vezes até mesmo impossível tratar um espaço convenientemente, já que as soluções de isolamento de tratamento acústico envolvem sempre uma alteração do espaço e nem sempre os edifícios, principalmente os existentes, estão preparados para tal”, refere Miguel Cunha Gomes, corroborado por João Carlos Vieira, “as geometrias difíceis de resolver, pode-se sempre melhorar qualquer coisa na acústica, agora tornar um espaço que à partida não tem apetência para ser bom, em muito bom é impossível. Os maiores desafios são passar por lidar com superfícies como vidro, superfícies rígidas muito difusoras ou muito refle-

O RRAE, em vigor há um ano, introduz alguns dos principais conceitos ao nível da acústica “interior”, como é o caso do tempo de reverberação, actualiza os parâmetros de desempenho acústico dos edifícios e os indicadores do ruído de equipamentos e instalações, e estabelece explicitamente procedimentos de avaliação de conformidade com as normas definidas no RRAE, visando a melhoria da qualidade habitacional no país, tanto para edifícios novos como para os edifícios existentes que venham a ser objecto de reconstrução, ampliação, ou alteração.

Impulsionado ou não pelas novas directivas, a verdade é que o mercado do tratamento acústico em Portugal tem vindo gradualmente a ganhar dinamismo e existem hoje soluções para (quase) todos os espaços e produtos para resolver (quase) todos os problemas. Este é o balanço que a Instalação Profissional faz, depois de ter consultado vários especialistas e empresas que operam neste mercado.

SECTOR EM EBULIÇÃO

Se o incremento de legislação e fiscalização podem ser considerados os motores do desenvolvimento do mercado da acústica, outra das possíveis justificações pode encontrar-se no aumento da importância desta disciplina na formação de arquitectos e projectistas. Esta é a opinião de João Carlos Vieira, director geral da Prestige (Grupo Jocavi), empresa que elabora projectos de acústica e se especializou em simulações acústicas de volumetrias para diversos tipos de espaços.

“Cada vez mais os mentores dos projectos, arquitectos e ateliês de arquitectura, manifestam preocupação com os assuntos de acústica. Temos vindo a desbravar algum terreno, porque antigamente a acústica era o parente pobre na concepção dos espaços, mas hoje em dia já há muito mais sensibilidade por parte dos arquitectos e julgo também que a sua formação melhorou muito nesse sentido. A componente de acústica na formação de arquitectura não é hoje a que era há 20 anos atrás, exige mais matéria e vai mais fundo no que diz respeito à separação do que é isolamento e o que é inteligibilidade do som no interior dos espaços”.

Segundo João Carlos Vieira, “os arquitectos preocupam-se porque é o nome deles que está em causa. Há muitas obras feitas nos últimos 10 anos que são autênticos fracassos em termos acústicos e as pessoas